



Motyřõ e a práxis na extensão Agroecológica *Motyřõ and the práxis in the Agroecological Extension*

ROSÁRIO DE OLIVEIRA, Nadia ¹; GABRIEL TRENTO, Lua ²;

¹ Laboratório de Educaao e Política Ambiental - OCA - ESALQ/USP, nadia.travessia@gmail.com; ²
Laboratório de Educaao e Política Ambiental - OCA - ESALQ/USP, lua.trento@gmail.com

Eixo temático: Educaao Formal em Agroecologia

Resumo: O grupo Motyřõ, do Laboratório de Educaao e Política Ambiental-Oca/Universidade de São Paulo (USP), vem se consolidando como um coletivo autogestionado apontando aoes que têm contribuído na formaao dos envolvidos buscando, ao mesmo tempo, desenvolver atividades que propiciem melhorias concretas no território trabalhado. O grupo se organiza levando os princípios da educaao popular, educaao ambiental crítica, filosofia da práxis apontando a Agroecologia como parte da utopia enunciada na transformaao do território. Essa organizaao se baseia em reuniões, escritas de projetos, articulaoes e idas a campo, buscando a formaao e re-formaao constante dos envolvidos no processo. Os desafios e conflitos têm sido elemento-chave no processo de aprendizado do coletivo, co-criando novas formas de fazer e atuar, interna e externamente. A organicidade do grupo tem tido coerência na perspectiva praxiológica, o que tem potencializado a construao de novos e diferentes saberes.

Palavras-Chave: Agroecologia; Educaao Popular; Práxis; Autogestão.

Keywords: Agroecology; Popular Education; Práxis; Self-management.

Contexto

O grupo Motyřõ começa a se desenhar pelo envolvimento de seus membros com famílias Sem Terra que viviam em Piracicaba/SP e que por conta de questões judiciais se deslocaram para o acampamento Elizabeth Teixeira em Limeira/SP. O grupo, que já estava envolvido com as famílias da antiga ocupaao Nelson Mandela, passa então a atuar junto às famílias do acampamento Elizabeth Teixeira, em um importante momento político, do avanço na consolidaao dessas áreas para a Reforma Agrária. Nesse contexto emergem novos desafios: Como se trabalhar com essa nova comunidade? Qual estrutura organizativa o Motyřõ precisa desenvolver? Para que a partir dos princípios da Agroecologia, Educaao Ambiental crítica e Educaao Popular, a extensão fosse, na verdade, um diálogo transformador do território e dos envolvidos, na sua emancipaao.

Os locais nos quais se concentram as atividades são o Laboratório de Educaao e Política Ambiental - Oca e o acampamento Elizabeth Teixeira, localizado na área rural de Limeira/SP. Este último completa 12 anos desde a sua ocupaao, as famílias ainda resistem com a sua situaao fundiária sem regularizaao, o que inviabiliza uma série de direitos, como acesso a água encanada, saneamento básico, energia, coleta de lixo, educaao, e também a participaao em programas do Estado, voltados  Agricultura Familiar.

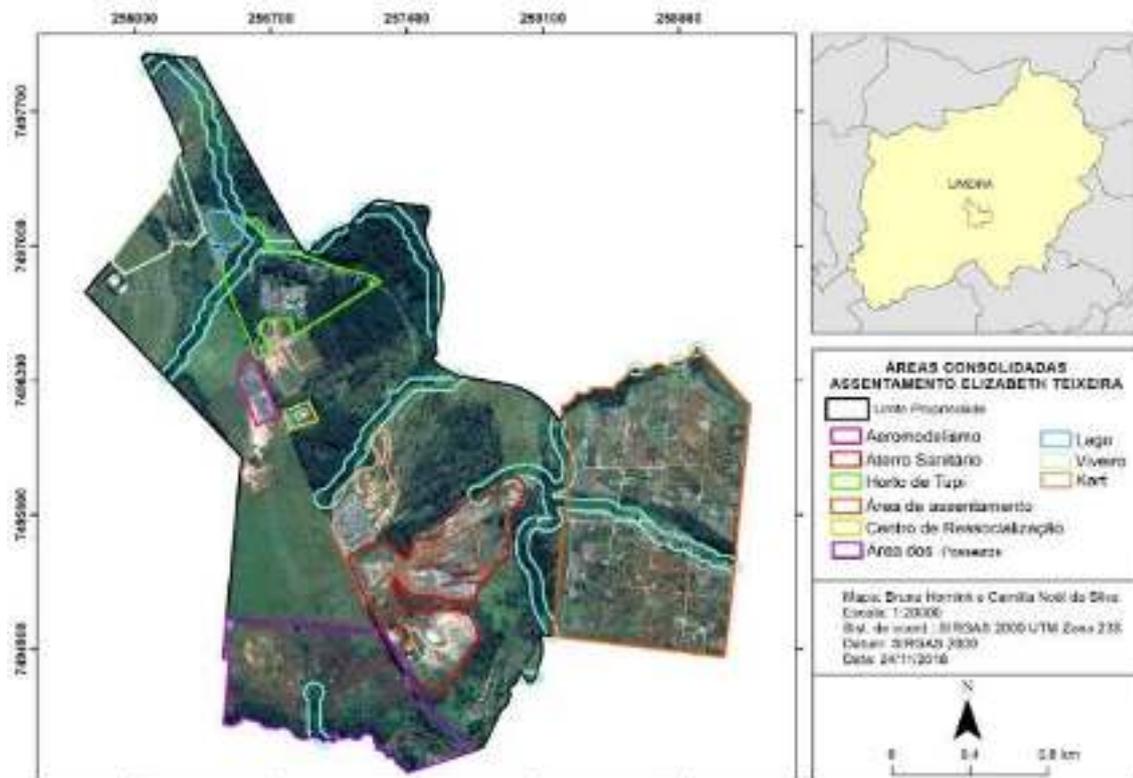


Figura 1. Localização do acampamento Elizabeth Teixeira, em Limeira - SP e suas áreas consolidadas.

Fonte. Arquivo do grupo Motyrõ.

As atividades realizadas pelo grupo têm ocorrido desde setembro de 2018 e buscam envolver uma formação dialógica entre as pessoas do grupo e as famílias do acampamento, revelando desafios constantes na manutenção e avanços. A proposta central do grupo está em criar e apropriar ferramentas Agroecológicas contextualizadas junto com as famílias, buscando assegurar sua autonomia nas atividades diárias da roça e de vida no acampamento. Dessa maneira busca-se reforçar a importância e função da Agroecologia, colocada por Guzmán & Molina (1996), como uma gestão da natureza por meio da práxis coletiva, buscando alterar o sistema em detrimento das mudanças nos sistemas ecológico.

Descrição da Experiência

A organização do grupo Motyrõ é feita por meio da autogestão, sendo esta baseada não só na ordenação, mas também no envolvimento em toda a gestão desse percurso, onde de fato se reflete, dialogue e vivencie o processo democrático como um todo (Dal Ri, 2004, p. 36 apud SANTOS, 2015).

Atualmente 10 pessoas compõem o grupo, dentre estudantes de graduação, pós-graduação, funcionários docentes e não docentes e também ex-graduandos da



Universidade. Esse envolvimento supracitado se dá de diversas formas, através de reuniões, idas à campo semanais, cadernos de campo, relatórios, escritas de projetos, comunicação e articulações, além da participação no Laboratório Oca.

A reunião semanal é o espaço deliberativo do grupo, em todas elas são discutidas e acordadas as ações a serem desenvolvidas, sendo um dos espaços em que todos atuam como educadores e educandos, já que participam de todas as fases do processo, como o planejamento, análise, ação e avaliação (TRENTO, 2016). Há uma estrutura que orienta a reunião e que facilita a organização do grupo, de modo que, em um primeiro momento são trazidos os informes gerais e realizada a memória da reunião anterior, bem como da última ida à campo, tratando depois do financeiro, comunicação, planejamento da próxima visita de campo e acordos.

Ainda nesse ponto é importante salientar que como forma de potencializar e praticar a autogestão o grupo alterna quem coordena e relata, de maneira que todos apropriem-se e desenvolvam diferentes habilidades.

Outro momento, que compõe a reunião, é o da formação, que tem temas variados como: gênero; extensão rural; Agroecologia; políticas públicas e; etc. A proposta de realizar formações vem da necessidade de se estudar e compartilhar conhecimentos que estão diretamente relacionados com a prática no campo com os acampados, buscando com que a reflexão e a ação caminhem juntas.

As idas à campo ocorrem semanalmente sendo que muitas vezes ocorre mais de uma visita por semana, devido a variedade de atividades desenvolvidas no acampamento. As visitas são base de um processo formativo educador, de acordo com Saviani (2008) educadores e educandos precisam entender e buscar maneiras de conduzir os entraves colocados pela prática social, por meio do questionamento das ações cotidianas e da busca por ferramentas praxiológicas que se incorporem as ações de todos os envolvidos direta e indiretamente no processo.

Para Leff (2003) a ansiedade por uma educação popular é também pela concretização ou valorização do saber social, já que, em sua essência é o afloramento da união de vários saberes em diversos aspectos, em especial, o cultural.

Quando, em campo, as atividades ocorrem buscando potencializar a diversidade de alternativas para as famílias acampadas, partindo da troca, onde a escuta atenta e paciente é de suma importância, bem como o uso democrático da palavra.

Nesse caminhar, a cada encontro, ocorrem novos questionamentos e desafios, fazendo com que o percurso educador seja como um ciclo sem fim, agregando novas formas de *fazer-pensar*. Sendo necessário se reinventar, aprendendo e *apreendendo* com o movimento vibrante do território da comunidade. Olhando para os encontros e reencontros, como ida e volta, de uma mesma coisa, apontando para a práxis, num processo em que teoria e prática se unem em equidade, com a mesma importância, e em ciclos (TRENTO, 2016).



Figura 2. Diálogo sobre os protocolos de Transição Agroecológica (à esquerda). A aplicação do protocolo de Transição Agroecológico (à esquerda).
Fonte: Arquivo do grupo Motyrõ

Tanto para as reuniões do grupo, quanto para as atividades realizadas com as famílias do acampamento, visualiza-se que o processo avaliativo é bastante importante, pois possibilita que todos os envolvidos tenham consciência e se incorporem do processo como um todo. De acordo com Furtado (2011), esta não é uma tarefa fácil, pois é preciso amadurecimento e traquejo para lidar com a crítica e autocrítica, compreendendo que elas são parte dos momentos e que proporcionam novas descobertas.

Resultados

O olhar para todo o processo de aprendizado tem mostrado que os desafios e conflitos inerentes a ele são os principais fermentos para a proposta de trabalho colocada pelo grupo Motyrõ.

Nesse sentido a formação do grupo vai para além da ciência, desembocando na procura pela práxis, já que esta orienta o criar, pensar e agir para a realidade local conquistando uma maior humanização (ARAÚJO, 2014).

Atrelado a isso, nota-se como a contribuição das diferentes pessoas transforma o processo e o torna mais complexo e completo, mesmo que este não tenha um fim. Freire (1983) já propunha que não é possível pensar só, que há sempre o envolvimento do outro no ato, em especial, no momento de diálogo e comunicação.

Assim, percebe-se que a comunicação precisa ser tratada com prioridade, pois há uma necessidade de que ela seja para além do ato de ouvir e falar, mas também da sua compreensão real e plena pelos participantes do processo (FREIRE, 1983).



Por fim, reforça-se como os processos têm contribuído para a formação do grupo e como a sua organização reflete nesses aspectos de maneira positiva, trazendo harmonia entre o que se propõe, pensa e faz no cotidiano.

Agradecimentos (opcional)

A parceira de todos, grupo Motyrõ e famílias do acampamento Elizabeth Teixeira, e o apoio do Laboratório de Educação e Política Ambiental - OCA e do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP têm sido fundamentais para as atividades do grupo, possibilitando que elas aconteçam.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, R. M. DE L. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. Coleção fo ed. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 1983.

FURTADO, J. P. Avaliação e Participação in Brandão, D. e Martina, R. O. In: **Avaliação de Programas e Projetos: temas brasileiros**. São Paulo: Instituto Fonte e Fundação Itaú Social, 2011.

GUZMÁN, G. C.; MOLINA, M. G. **Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madri: Ediciones Mundi-Prensa, 1996.

LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, L. R. DOS. **Gestão democrática e participação na educação profissional agroecológica do MST (PR): limites e possibilidades de uma educação emancipatória**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, 2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 10 ed. Campinas, SP. Autores Associados LTDA, 2008.

TRENTO, L. G. **Arranjo pedagógico e sistemas agroflorestais sucessionais: estruturas educadoras no curso de especialização “Agroecologia e Transição Educadora para Sociedades Sustentáveis”**. Trabalho de conclusão de curso. USP/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, 2017.